TEOLOGIA em revista

ISSN 2764-7528

A RELAÇÃO MENTE-CORPO PARA OS JUDEUS DA ANTIGUIDADE E A CRÍTICA DE VOLTAIRE CONTRA OS CRISTÃOS DUALISTAS

NATAL GARDINO[1]

Resumo: Voltaire, que era deísta, critica incisivamente os cristãos em vários de seus escritos. Contudo, uma de suas acusações pode estar correta, se suas premissas forem verdadeiras: ele assevera que os cristãos dualistas – ou seja, os que creem que nossos corpos são comandados por uma alma imortal através do cérebro – são incoerentes porque o livro que seguem – a Bíblia, a qual ele desprezava – não contém tal conceito, especialmente em sua porção hebraica. Ele assevera que o ensino do Antigo Testamento é monista, ou seja, a "alma", ou mente, acontece no próprio corpo enquanto vivo, sem o auxílio de uma entidade imaterial, eterna e independente do corpo. Ele insinua ainda que o conceito de alma imortal entre os cristãos teria surgido cerca de dois mil anos depois da época do Pentateuco, advindo da filosofia grega e se infiltrado no cristianismo. Para verificar a veracidade dessas afirmações específicas de Voltaire, este artigo discorre sobre o conceito de mente e corpo na Bíblia e como ele era compreendido entre os hebreus na antiguidade. Também são analisadas as implicações da crença da alma imortal sobre a fé e a sobre a saúde mental, caso Voltaire tenha razão nesse assunto.

Palavras-chave: Voltaire. Monismo. Dualismo. Condicionalismo. Mente.

[1] Mestre em Novo Testamento (Andrews University). Doutor em Ministério (Andrews University). Professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia - Faculdade Adventista do Paraná, Ivatuba - PR. Contato: natal.gardino@iap.org.br.

THE MIND-BODY RELATIONSHIP FOR ANCIENT JUDAISM AND VOLTAIRE'S CRITICISM OF DUALIST CHRISTIANS

Abstract: Voltaire, who was a deist, criticizes Christians ruthlessly in several of his writings. However, one of his accusations may be correct if his premises are true: he asserts that dualist Christians – those who believe that our bodies are controlled by an immortal soul through the brain – are inconsistent because the book they follow – the Bible, which he despised – does not contain such a concept, especially in its Hebrew portion. He asserts that the teaching in the Old Testament is monist, meaning that the "soul," or the mind, occurs within the body itself while alive, without the assistance of an immaterial, eternal entity independent of the body. He further suggests that the concept of the immortal soul among Christians would have emerged about two thousand years after the time indicated in the Pentateuch, originating from Greek philosophy and infiltrating Christianity. To verify the veracity of Voltaire's specific claims, this article discusses the concept of mind and body in the Bible and how it was understood among the ancient Hebrews. It also analyzes the implications of believing in the immortal soul on faith and mental health, if Voltaire is correct on this matter.

Keywords: Voltaire. Monism. Dualism. Conditionalism. Mind.

1. Introdução

Há muitos séculos se procura entender a relação entre a mente e o corpo, e como um afeta o outro. Como tentativas de entender esse mistério, há basicamente duas visões. Uma delas é a *dualista*, que entende que o corpo não pode produzir pensamentos, pois estes são imateriais; portanto, haveria a necessidade de uma "alma" vinculada ao corpo, a qual seria a responsável pela mente e a consciência. Geralmente essa visão é chamada também de imortalista por crer que essa "alma" seja imortal. A outra concepção é a *monista*, que entende que a mente e a consciência é um produto do próprio cérebro, apenas. Geralmente essa visão é também chamada de "materialista", pois é a visão normalmente adotada por aqueles que não acreditam no sobrenatural.

Em suas obras *Alma e Tratado de Metafísica*, o filósofo Voltaire (1736) ridiculariza os cristãos que creem na imortalidade da alma (dualistas), afirmando que esse conceito não existia entre os hebreus da antiguidade, e, por isso, não aparece na Bíblia, especialmente no AT.

É fato que Voltaire zomba do cristianismo e da Bíblia com sarcasmo e desdém em vários de seus escritos. Podemos não concordar com ele em grande parte do que escreveu, mas é possível que nessa afirmação ele esteja manifestando uma verdade muito séria: a de que os cristãos dualistas estão em grande erro ao crerem em algo que não faz parte das Escrituras Sagradas. Se ele estiver certo nesse ponto, as implicações dessa realidade são impactantes, alterando significativamente a maneira como esses cristãos entendem a religião e a fé, e afetando até mesmo o modo de se relacionarem com Deus.

Tais afirmações de Voltaire geram as seguintes perguntas: estaria ele correto? Ao utilizar a hermenêutica para procurar entender o sentido das Escrituras, e ao analisar as crenças dos judeus antigos, poderíamos chegar à mesma conclusão que ele, sendo que ele era um escarnecedor da fé cristã? Além disso, quais seriam as possíveis implicações para os cristãos que creem na imortalidade da alma se esse não for um conceito bíblico?

Com o objetivo de responder a estas perguntas, este artigo faz uma breve introdução ao chamado "problema mente-corpo" – que trata da relação entre o corpo (material) e a

consciência (imaterial) – e como os antigos hebreus entendiam esta relação. A seguir, tendo como base e fonte primária a Bíblia em suas línguas originais, serão avaliadas as afirmações de Voltaire de que o conceito de uma alma imortal não é bíblico. Por fim – considerando que Voltaire esteja correto nesse ponto – será feita uma análise das possíveis implicações da crença na imortalidade da alma sobre as pessoas que creem desta forma, contra o ensino das Escrituras.

2. O Problema Mente-Corpo

Desde quando os primeiros filósofos começaram a tentar se libertar dos mitos e a procurar respostas concretas para tudo, o chamado problema mente-corpo é recorrente. Para Moreira-Almeida (2015, p. 69), "a relação mente-corpo ou mente-cérebro (RMC) é uma das mais antigas e desafiadoras questões filosóficas e científicas". O que faz com que eu mova o braço? Um sinal elétrico produzido por minha vontade em meu cérebro. Mas que tipo de força faz surgir esse sinal elétrico inicial? Ou, como algo imaterial, metafísico, que é a minha vontade, pode iniciar um sistema que é físico? E, se o cérebro comanda o corpo, o que comanda o cérebro? (Sinner, 2017, p. 613).

A partir dessas indagações, difíceis de responder, desde há muito tempo os primeiros filósofos e médicos atribuíram a algum órgão do corpo, especialmente o coração, a função de raciocinar – ou de ser o local onde uma "alma" habitaria, sendo esse órgão a sede da consciência, dos pensamentos, das emoções e da mente. Desde que o cérebro foi reconhecido como tal órgão, as duas possibilidades – a de que ele produza o pensamento, ou a de que ele seja apenas o receptáculo de uma alma que pensa – são discutidas basicamente dentro de dois conceitos principais: o monismo e o dualismo.

O monismo crê que a consciência e o intelecto são um produto da "função cerebral mais alta" dos seres humanos (Ghangeux, 1985, p. 8). Ou, nas palavras de McGuigan (1981), o cérebro, por si só, "é um órgão especial cuja função particular é produzir pensamento, assim como o estômago e os intestinos têm a função especial de realizar a digestão". O dualismo, por outro lado, é a concepção de que o cérebro sozinho não pode pensar, pois "o corpo não pensa" (McGuigan, 1981); portanto, segundo essa concepção, deve haver uma entidade imaterial que se aloja no cérebro e o comanda; esta seria a "alma", que pode sobreviver à morte do corpo por ser supostamente imortal.

Ao escanear os cérebros de pacientes vivos, os cientistas da atualidade são capazes de identificar as diferentes partes desse órgão que são responsáveis pelas variadas funções do corpo e diversos tipos de emoções, sensações e sentidos. Além disso, através de vários estudos já feitos, sabe-se que é possível aumentar estímulos e sinapses cerebrais ou diminuí-los através de drogas farmacêuticas (Menon, 2016). No entanto, o assunto sobre como o "eu" consciente (a mente) e o cérebro interagem entre si ainda é chamado de "problema" pois está longe de ser resolvido. Há muitas lacunas para responder, e os segredos do funcionamento do cérebro continuam sendo um grande universo a ser desvendado. Como diz Damásio (2011, p. 321): "A tarefa de compreender como o cérebro produz a mente consciente continua incompleta. O mistério da consciência ainda é mistério, apesar de termos conseguido penetrar um pouquinho em seus segredos."

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 3, número 2, p. 33-47, 2º semestre de 2023
DOI: 10.29327/2148040.3.2-3
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

2.1. Citações de Voltaire contra os Cristãos Dualistas

Voltaire, pseudônimo de François-Marie Arouet (1694-1778), foi um filósofo francês e escritor influente durante o período do Iluminismo e cujas ideias contribuíram para a Revolução Francesa – que aconteceu após a sua morte. Entre outros assuntos, ele escreveu bastante contra a religião cristã e a Bíblia (Lazzari, 2012). Ele era deísta – ou seja, acreditava em alguma força superior, algum tipo de Deus, mas não que ele teria se revelado na Bíblia. Para Voltaire, esse ente misterioso teria criado o Universo e o abandonado à sua própria sorte – uma crença semelhante à dos antigos epicureus (Pavel; Tareanu, 2019).

De acordo com Ellen G. White (2018, p. 281), o cristianismo de Roma havia representado tão mal o caráter de Deus – ao exigir "fé cega em seus dogmas, sob o pretenso apoio das Escrituras" – que, em reação a isso, "Voltaire e seus companheiros puseram inteiramente de lado a Palavra de Deus, disseminando por toda parte o veneno da incredulidade". Além disso, segundo ela (1996, p. 196), "quando Voltaire tinha cinco anos, decorou um poema incrédulo, e a perniciosa influência nunca se apagou de sua mente. Tornou-se um dos agentes de maior êxito de Satanás para desviar os homens de Deus".

E aqui está um paradoxo: apesar desse perfil antagônico, Voltaire estudava as Escrituras Sagradas para provar aos cristãos que eles estariam errados em acreditar em uma alma imortal, pois esse ensino não estaria presente nelas. E ele estava certo nesse assunto específico, como se procura demonstrar no presente estudo.

Quanto à concepção da mente e da consciência, ou da "alma", ele acreditava como os monistas/materialistas, que esta é um produto do próprio cérebro, sem a necessidade de uma entidade independente do corpo. No capítulo V de seu *Tratado de Metafísica*, ele diz: "É impossível, dizem-me, que a matéria pense. Não vejo essa impossibilidade" (Voltaire, 1736). E mais adiante, ele conclui que "Deus organizou os corpos para pensar assim como para comer e para digerir" (Voltaire, 1736).

Apesar de não crer no Deus bíblico, um dos pontos inquietantes de sua crítica contra os cristãos dualistas é que, se a Bíblia não apresenta o ensino de uma alma imortal, esses cristãos realmente seriam incoerentes como seguidores desse livro. Em suas palavras: "Leio um dos livros mais antigos do mundo, conservado por um povo que se pretende ser o mais antigo, e tal livro me diz que o próprio Deus parece pensar como eu" (Voltaire, 1736) – ou seja, no monismo. Em defesa de sua tese, ele diz:

> [Deus] digna-se prescrever-lhes [aos judeus] até a maneira como devem ir à privada, mas não lhes disse uma única palavra sobre a alma, falando-lhes apenas de castigos e recompensas temporais, o que prova, pelo menos, que o autor desse livro não vivia numa nação que acreditasse na espiritualidade e na imortalidade da alma. Dizem-me que, dois mil anos depois, Deus veio ensinar aos homens que sua alma é imortal, mas eu, que pertenço a outra esfera, não posso deixar de me espantar com esse disparate debitado na conta de Deus (Voltaire, 1736).

Nessa citação, cheia de ironia e desdém, ele provavelmente esteja fazendo menção ao texto bíblico onde Deus diz aos hebreus que caminhavam pelo deserto: "Tenham entre as suas armas uma pá; e, quando alguém se abaixar, fora do acampamento, cavará um buraco com a pá e, virando-se, cobrirá as fezes com terra" (Dt 23:13). Assim, Voltaire não deixou passar a oportunidade de aproveitar um versículo aparentemente constrangedor da Bíblia para, ao mesmo tempo, ser sarcástico e provar seu ponto: Deus teria sido tão minucioso a ponto de lhes instruir sobre esse detalhe, mas nunca lhes teria dito nada sobre uma alma imortal.

Voltaire diz também nesse trecho que a nação de Israel não acreditava "na espiritualidade e na imortalidade da alma". Há vários textos bíblicos que corroboram essa afirmação, tais como Ezequiel 18:4 e 20, que diz: "A alma que pecar, essa morrerá." No entanto, é preciso entender o conceito de "alma" nas Escrituras hebraicas para descobrir até que ponto ou quanto Voltaire estaria certo nessas afirmações. Antes, porém, veremos primeiro como era o conceito para os filósofos gregos, para depois contrastar com o dos antigos hebreus.

2.2. O Problema Mente-Corpo entre os Antigos Filósofos Gregos

De acordo com Castro (2012), "foi Alcmeon de Crotona, médico grego que viveu por volta de 500 e 450 a.C., o primeiro a apontar o cérebro como única sede da razão e centro de todas as sensações". Depois essa sua posição foi adotada e amplamente divulgada pelo famoso médico grego Hipócrates, que também viveu no 5º século a.C. Na antiga obra chamada *Corpus Hippocraticum*, atribuída em grande parte a Hipócrates, "o cérebro é apontado como a sede do julgamento, das emoções e de todas as atividades do intelecto, assim como a causa dos transtornos neurológicos, tais como espasmos, convulsões e desordem da inteligência" (Castro, 2011).

Depois disso, o conceito de Hipócrates foi seguido por outros como Aristóteles (384-322 a.C.), pelo médico romano Galeno do 2º século d.C., e outros estudiosos ao longo dos séculos que foram somando conhecimento – apesar de que vários outros, como Platão e os que o seguiram, insistiram em manter o coração como a sede da alma e dos pensamentos. Porém, com o acúmulo de conhecimento produzido por médicos dissecadores de corpos como Galeno, o cérebro foi sendo reconhecido como a fonte dos pensamentos e do intelecto (Tracy, 1976).

Apesar disso, a antiga ideia de Platão, de uma alma como entidade imortal e que habita no corpo, permaneceu firmemente arraigada apesar das descobertas dos médicos e estudiosos da natureza humana. Descartes, por exemplo, chegou a "identificar", ou sugerir, que a glândula pineal (hipófise), no cérebro, seria "a responsável por estabelecer uma ponte entre a alma e o corpo. Mas *como* isso seria possível, Descartes nunca explicou" (Teixeira, 1994, p. 12).

Ao reconhecer a genialidade intelectual de Descartes, é de se admirar o fato de que ele tenha insistido tanto na ideia de que haja a necessidade uma alma imortal para comandar o cérebro, mesmo tendo que usar argumentos às vezes fantasiosos e ilógicos. A citação abaixo é um exemplo:

> Se ter um corpo [...] fosse uma propriedade necessária para definir o que sou, seria inconcebível para mim existir sem um corpo. No entanto, esse é o caso: posso pensar-me sem um corpo, essa não é uma situação inconcebível, pelo contrário, ela não incorre em nenhuma incoerência. Se deixarmos de pensar, então deixamos de existir necessariamente; mas se deixarmos de ter um corpo, continuar a existir é uma possibilidade, pois tudo que é concebível é possível (Menon, 2016, p. 28).

Por outro lado, tais afirmações podem ter uma razão de existir quando entendemos que, para a igreja romana, o conceito do monismo ou condicionalismo era uma heresia abominável. Em 1513 o papa Leão X havia declarado em uma bula: "Nós condenamos e reprovamos todos os que asseveram que a alma inteligente é mortal" (O'Reggio, 2011, p. 155). Considerando essa situação, Damásio (2012, p. 219) sugere que a inscrição que Descartes escolheu para sua lápide pode ter sido "uma renúncia discreta ao dualismo". O texto de sua lápide diz: "Aquele que se esconde bem viveu bem."

2.3. O Problema Mente-Corpo para os Antigos Hebreus

Para os antigos hebreus, conforme se percebe nas Escrituras hebraicas do AT, os sentidos da mente não estariam relacionados a apenas um órgão do corpo como o cérebro. Na verdade, eles não atribuíam os pensamentos ao cérebro. Em vez disso (apesar do fato de que na maioria das Bíblias em português os diferentes termos sejam traduzidos como "coração"), as palavras originais em hebraico que se relacionam com as funções da mente são o coração, os rins e o intestino, os quais eram considerados os responsáveis por diferentes tipos de atividades mentais, emoções e sentimentos.

Assim como pensavam os antigos egípcios e outros povos (Castro; Landeira-Fernandez, 2010), o coração era também para os judeus a sede principal dos pensamentos (Gn 6:5; Pv 4:23). Os intestinos, por sua vez, eram considerados a sede dos sentimentos como afeto e misericórdia (ex.: Lc 1:78; 2Co 6:12; 7:15; Fp 1:8; 2:1; Fm 1:7, 12; 1Jo 3:17). Algum aspecto da mente estava associado aos rins (p. ex.: Sl 7:9; 26:2; Jr 11:20; 17:10).

Esse conceito acerca dos rins ainda chegou a ser usado pelo menos uma vez no NT, em Apocalipse 2:23: "Eu sou Aquele que sonda mentes (gr. *nefrós*, "rins") e corações" (cf. Jr 17:10). É possível que essa forma de expressão tenha caído em desuso no primeiro século, pois só aparece nesse versículo do NT. Talvez ela só seja usada assim para fazer eco ao texto de Jeremias 17:10. Também é possível que, nesse período, quando o coração estava estabelecido como a sede dos pensamentos, a expressão relacionada aos rins tenha sido usada apenas como expressão idiomática, assim como nós hoje relacionamos memórias e sentimentos ao coração mesmo sabendo que elas acontecem literalmente no cérebro.

Com relação ao cérebro, quase não há registro na Bíblia de ele ter qualquer ligação com a mente e os sentimentos. Diferentemente dos povos vizinhos como os egípcios, os sumérios, os babilônicos e os gregos, o povo hebreu muito raramente fazia dissecações de cadáveres humanos por causa de suas leis (Jakobovits, 1958). Além disso, os rituais mosaicos relacionados ao santuário tornavam "imundo" qualquer um que tocasse em um cadáver – especialmente no cadáver de humanos, que acarretaria sete dias de "imundícia" sobre quem tocasse em um (Nm 19:11, 16). Por isso, eles não obtiveram conhecimento a respeito da relação entre a mente e o cérebro. Para eles, o chamado problema mente-cérebro seria na verdade um problema mente-coração-rins-intestino.

Como exceção, o livro do profeta Daniel – que viveu na Babilônia entre os séculos 7º e 6º a.C. e aprendeu "todas as ciências dos caldeus" (cf. Dn 1:4,5, 18-20) – é o único da Bíblia que relaciona com a cabeça as visões dadas por Deus (Dn 2:28; 4:5, 10, 13; 7:1,15). Nenhum outro escritor das Escrituras hebraicas nem do NT relaciona as atividades mentais com a cabeça.

Apesar da variedade de órgãos relacionados à mente no AT, um fato importante que classifica os antigos judeus como monistas é que, para eles, não era necessário existir uma alma imortal habitando nesses órgãos para que tivessem pensamentos e emoções. Essas coisas seriam naturalmente um "resultado" ou um "efeito" do próprio corpo vivo. De acordo com Gênesis 2:7, quando Deus soprou nas narinas do primeiro ser humano, ele então passou a ser (e não a "ter") uma alma vivente. É um fato reconhecido entre estudiosos da antiguidade que o conceito de uma alma naturalmente imortal e que sobreviva à morte do corpo não existia entre os hebreus antes do advento do helenismo (*Jewish Encyclopedia*, 1906, p. 564; Jeeves, 2016, p. 86).

É notável, porém, como séculos mais tarde a cultura helênica influenciou de tal forma os judeus (Jeeves, 2016, p. 85) que até mesmo os discípulos chegaram a pensar que Jesus era um "fantasma" no meio da noite flutuando sobre a água (Mt 14:26). A força desse erro no primeiro

século é evidente quando se lê a conclusão absurda de Herodes de que Jesus fosse uma espécie de reencarnação de João Batista, o qual ele havia mandado matar na prisão (Mt 14:1-2).

De modo contrário a esse conceito, a palavra "alma" na Bíblia tem um significado semântico muito diferente do que lhe foi atribuído pelos filósofos gregos e do que creem a maioria dos cristãos atuais. A expressão hebraica *nefesh hayah* ("alma vivente"), por exemplo, se refere à pessoa ou ao ser vivo, sendo usada para descrever tanto o ser humano (Gn 2:7) como os animais (Gn 1:24; 2:19). De fato, no pensamento bíblico, nem o homem nem os animais *têm* alma, eles *são* almas viventes.

O seguinte versículo, traduzido ao pé da letra, é um exemplo de que alma significa "vida", e que ela pode ser morta: "Quem matar a alma de um homem, certamente será morto; quem matar a alma de um animal, pagará [uma] alma por [uma] alma" (Lv 24:17-18). Em outras palavras, quem tirasse injustamente a vida ("alma") de um ser humano ou de um animal, pagaria com sua própria vida ("alma").

No pensamento hebraico, pelo fato de a "alma" se referir a um ser vivo (e não a uma entidade imaterial que habita no corpo e o controla), ela pode fazer coisas que no conceito popular ela jamais poderia fazer, como comer (Lv 7:27) ou morrer (Ez 18:4, 20). Nesse sentido, a expressão "minha alma" é uma referência ao próprio eu. Por exemplo, quando Sansão está prestes a demolir um edifício sobre si, e sabendo que tal atitude resultará em sua morte, ele diz literalmente: "Que a minha alma morra junto com os filisteus" (Jz 16:30).

O estudioso Snaith (1964, p. 312) assevera que as traduções que encobrem esse fato sobre a palavra alma fazem algo "repreensível" e "grave" pois podem "enganar a todos os que não leem hebraico". No entanto, a cosmovisão de uma alma imortal é tão predominante entre a grande maioria das pessoas, que até os que sabem ler hebraico (e grego) o fazem através das lentes dessa pressuposição. Daí o escarnecimento de Voltaire contra os cristãos que creem em uma alma imortal, contra o conceito bíblico.

2.4. A Continuidade do Conceito Judaico no Cristianismo

Usando uma analogia da agricultura, o apóstolo Paulo retrata o cristianismo como um "ramo que foi enxertado" sobre o judaísmo (Rm 11:17-36). Partilhando dessa mesma base fundamental, Jesus disse em uma ocasião: "A salvação vem dos judeus" (Jo 4:22) – uma referência a si mesmo e às verdades sobre ele contidas nas Escrituras hebraicas (Lc 24:27, 44).

Em várias ocasiões os personagens do NT – inclusive o próprio Jesus – exortam os cristãos a se basearem unicamente nas Escrituras como fonte de fé e verdade (Jo 5:39; 2Tm 3:15). E as Escrituras que existiam até então eram as do AT (Lc 24:27, 44). Portanto, o NT é uma continuação conceitual do AT, porém agora com as profecias cumpridas a respeito do ministério terrestre de Jesus.

Além disso, é inconcebível a ideia de que o povo de Deus tenha sido guiado com o conceito monista/condicionalista durante todo o período do AT e, de repente, mudado para uma cosmovisão dualista/imortalista a partir da era cristã. É o que Voltaire (1736) observa nesta citação: "Dizem-me que, dois mil anos depois, Deus veio ensinar aos homens que sua alma é imortal, mas eu, que pertenço a outra esfera, não posso deixar de me espantar com esse disparate debitado na conta de Deus."

Assim, é evidente que tanto para os judeus antigos como para os cristãos primitivos, o estado do ser humano durante a morte é de inconsciência total, não havendo possibilidade de recompensa alguma enquanto a pessoa estiver nessa condição (Ec 9:5-6). Por isso, é necessário o dia da ressurreição – o chamado "último dia", ou "o dia do Senhor", quando cada um finalmente receberá a sua recompensa (Jo 5:28-29; 6:39-40, 44, 54; 11:24). Por isso, a grande

esperança do povo de Deus que conhece a sua Palavra nunca foi a de serem "desencarnados", mas sim em ressuscitar um dia para só então poderem desfrutar das bênçãos prometidas (Jó 19:25-26; Is 26:19; Dn 12:2, 13; 2Tm 4:8). Essa verdade bíblica, apesar de não ter essa nomenclatura no passado, é monista e condicionalista – contrário ao pensamento da maioria dos cristãos atuais, que é dualista e imortalista.

A despeito disso, há várias passagens das Escrituras que os cristãos imortalistas usam fora de contexto para tentar provar a sua concepção sobre a alma. Uma delas é a conhecida "parábola do rico e Lázaro" na qual os dois personagens conversam entre si, sendo que um estaria "no seio de Abraão" e o outro no tormento.

Entretanto, por conter alegorias, símbolos e representações, as parábolas não podem sustentar doutrinas; elas representam lições importantes, mas de maneira figurada, não literal. É como tentar interpretar literalmente a parábola de Juízes 9:8-15, na qual as árvores elegem um rei para lhes governar. Ou como dar sentido literal ao texto de Isaías 55:12, em que, de forma poética, é prometido um futuro glorioso quando "os montes e as colinas romperão em cânticos [...] e todas as árvores do campo baterão palmas".

Outro texto usado fora de contexto é o de Lucas 23:43, sobre o criminoso na cruz que reconhece Jesus como salvador e lhe pede para que se lembre dele quando entrar em seu reino. Geralmente traduzem de modo a fazer com que Jesus prometa que naquele mesmo dia ambos estariam no paraíso – ou seja, a alma de ambos iria para o paraíso naquele mesmo dia). A tese doutoral de Rodrigo P. Silva, no entanto, argumenta que essa tradução está equivocada e que a tradução correta seria: "Na verdade te digo hoje: estarás comigo no paraíso" (SILVA, 2001).

A ênfase está nas palavras "te digo hoje", e não em "hoje estarás". Em outras palavras, Jesus pôde afirmar naquele mesmo dia que aquele homem estaria salvo na ocasião em que ele "entrasse em seu reino" (Lc 23:43), ou seja, no dia de sua vinda (Mt 25:31). De outro modo, se Jesus tivesse prometido ao homem que naquele mesmo dia ambos estariam no paraíso, como dizem, ele teria mentido, pois no domingo de manhã – dois dias depois da promessa – Jesus disse para Maria que ele mesmo ainda não havia subido ao Pai (Jo 20:17).

Enfim, o espaço não permite examinar outros textos usados fora de contexto para tentar provar a imortalidade da alma na Bíblia. O conceito bíblico é o do descanso ou estado inconsciente até o dia da ressurreição na vinda de Jesus. Depois da ressurreição, cada um então receberá a sua "recompensa" (Ec 9:5), sendo que a vida eterna é unicamente para aqueles que aceitam a salvação oferecida em Jesus. Para os que não têm um salvador, o salário do pecado é a morte, quando finalmente o pecado e os pecadores não redimidos deixarão de existir (Sl 68:1-3; Ob 1:16; Ml 4:1-3; Jo 3:16; Rm 6:23; Ap 2:11; 20:6, 14; 21:8;).

2.5. Como o Conceito Dualista se Inseriu no Cristianismo

Conforme demonstra Leroy Froom (1955), em sua volumosa obra *The conditionalist faith of our fathers* (A fé condicionalista de nossos pais), os primeiros pais da igreja não eram imortalistas, mas condicionalistas – ou seja, não acreditavam que temos uma alma naturalmente imortal, e sim que a vida eterna depende de uma condição: a de receber vida de Jesus (Rm 6:23). Porém, a partir do segundo século, alguns pais da igreja, influenciados pela filosofia grega, começaram a adaptar os conceitos da filosofia com o cristianismo (Toews, 2011; Fudge, 1982).

Tertuliano (160-220 d.C.), por exemplo, chegou a afirmar, aparentemente sem constrangimento, que preferia manter a "opinião" de Platão, de que "cada alma é imortal" (Tertuliano, 1870). Em outra ocasião, na mesma obra, ele conclui: "A alma, então, *nós definimos*

ser originada no sopro de Deus, imortal" (Tertuliano, 1870). Isso mostra que não era mais a Bíblia a fonte de verdade, mas as suas próprias opiniões e definições.

Mais tarde, Agostinho de Hipona, leitor assíduo de Platão, "cristianizou" os pensamentos do filósofo pagão e os adaptou à fé cristã (Fudge, 1982, p. 299). Assim, os próprios versículos em que Jesus fala em ressurreição passaram a ser entendidos como se ele estivesse falando em "desencarnação". Esse erro se fortaleceu através dos longos séculos da Idade Média, resultando em crenças totalmente contrárias ao conceito bíblico, como a criação do purgatório, a oração intercessora em favor de parentes mortos, a oração dirigida a mortos como semi-divindades, etc.

2.6. Tentativa de Lutero para Corrigir o Problema

Martinho Lutero, no século 16, resgatou algumas verdades bíblicas que haviam se perdido durante toda a Idade Média. Uma dessas verdades foi o conceito de inconsciência durante a morte, o que ele chamou de "sono da alma". Ao entender essa verdade, Lutero classificou o ensino errôneo da alma imortal em um tormento eterno como mais uma das "monstruosas fábulas que fazem parte do monturo romano" (White, 2018, p. 549).

Curiosamente, porém, é possível que ele não tenha compreendido totalmente esse conceito pois, apesar de fazer várias declarações contra a doutrina da alma imortal, ele "também fez algumas afirmações ambíguas e até claramente contraditórias nos últimos anos de sua carreira" (O'Reggio, 2011, p. 163). O estudioso Ketola (1946) observa essa ambiguidade nos textos do reformador, dizendo que "apesar de Lutero ter se referido em mais de 150 passagens sobre o estado dos mortos, existe uma grande falta de expressões positivas e ideias claras no assunto" (Ketola, 1946, p. 8). Tais contradições são "óbvias e frequentemente inexplicáveis, as quais têm causado muito embaraço aos seus seguidores e intérpretes" (Ketola, 1946, p. 7).

Um exemplo dessas citações em que Lutero parece confuso acerca de sua posição é a que ele diz: "Portanto, minha opinião é a de que é incerto, mas provável, que com poucas exceções, todos dormem inconscientemente" (Ketola, 1946, p. 16). Ao final de seu trabalho, Ketola apresenta em um apêndice as diferentes citações de Lutero, ora a favor, ora contra o estado inconsciente dos mortos. Ele atribui essas contradições às "circunstâncias reveladas na história de sua vida", e por ele não ter sido um "teólogo sistemático como Calvino", além do fato de que "suas intensas atividades o impediram de um estudo completo de todos os pontos de doutrina" (Ketola, 1946, p. 7). Deve ser levado em consideração também que o seu ponto principal era a justificação pela fé, contra as indulgências e outros erros da igreja romana.

Como se percebe, o ensino da alma imortal estava tão arraigado (como hoje) que mesmo a Reforma não pôde consertar esse erro (Froom, 1955). Ball (2015) afirma que "esta fundamental divergência sobre a alma e a sua condição depois da morte" acabou deixando Lutero "à parte dos outros principais reformadores continentais". Ele diz ainda que

> apenas Lutero e Carlstadt, de todos os reformadores antigos, parecem ter abraçado a doutrina do sono da alma, enquanto Calvino, Bullinger e Zuínglio eram todos defensores da visão tradicional e fortemente se opunham a qualquer alternativa (Ball, 2015, p. 252).

Calvino, que abominava a ideia monista e condicionalista, escreveu muito mais que Lutero e, ao contrário dele, com muito mais ênfase e constância, vencendo-o nesse ponto,

apesar de estar ao seu lado como reformador (Fudge, 1982, p. 327). De acordo com Fudge (1982, p. 22), a junção de alguns fatores como

> a impetuosidade de Calvino, o silêncio de Lutero, e a antipatia de ambos contra os anabatistas resultou na inclusão do tradicionalismo católico [a cosmovisão platônica de almas imortais] nos novos credos protestantes, e eventualmente em uma "ortodoxia" protestante inquestionável.

Fudge chega a dizer que, se Lutero tivesse sido vitorioso na defesa do conceito que descobriu, hoje o pensamento evangélico/protestante a respeito da morte seria o da inconsciência na morte. Ou seja, a maioria dos evangélicos seriam monistas, como eram os judeus da antiguidade – como tenta enfatizar Voltaire, ainda que de modo grosseiro e jocoso.

Neste ponto é importante observar que, mesmo sendo a grande maioria dos cristãos imortalistas, há vários líderes religiosos e estudiosos cristãos que defendem a verdade bíblica do condicionalismo, como John Stott, Edward Fudge, Richard Bauckham, Aubrey R. Vine e Emil Brunner entre outros. Apesar da falha de Lutero em difundir tal verdade, ao estudarem as Escrituras, esses líderes reconheceram, assim como F. F. Bruce, que a ideia de um "tormento consciente eterno é incompatível com o caráter revelado de Deus" (Fudge, 1982, p. xi). Assim, podemos encontrar autores cristãos como Jimenez-Rodriguez (2015) apelando para a razão de um "cristianismo monista" como solução para a "teologia confrontada com o problema mente-cérebro e corpo-alma".

2.7. Possíveis Implicações do Dualismo para a Cosmovisão Cristã

A cosmovisão determina em muito os sentimentos e o comportamento das pessoas no dia a dia. Os cristãos que aceitam a ideia de que temos uma alma a "comandar" o nosso corpo, e que essa entidade seria a sua consciência, o seu "eu", naturalmente também acreditam que essa alma é imortal. Essa crença os leva inevitavelmente a concluir que o tormento final para quem se perder só pode ser eterno, como ensina a maioria das igrejas cristãs.

Esse ensino distorce de tal maneira o caráter amoroso de Deus que leva muitos a terem medo dele, o que faz com que seja difícil para essas pessoas amá-lo devidamente, pois "quem teme não é aperfeiçoado no amor" (1Jo 4:18). Além disso, White (2004, p. 119-120) afirma que o dogma da imortalidade da alma em um inferno eterno, além de fazer com que Deus seja visto como "o maior tirano do Universo", também tem "encaminhado milhares ao universalismo, à infidelidade e ao ateísmo". Para White (2006, p. 389),

> Satanás sabia que, se esse erro fosse recebido, Deus seria odiado por muitos, em vez de amado e adorado; e que muitos seriam levados a crer que as ameaças da palavra de Deus não seriam literalmente cumpridas, pois que seria contra seu caráter de benevolência e amor mergulhar nos tormentos eternes seres que ele criara.

Como se tudo isso não bastasse, a crença em um castigo eterno pode também levar algumas pessoas até mesmo a um desequilíbrio mental. Conforme escassos estudos acadêmicos nesse sentido, isso acontece especialmente nas denominações em que os membros excomungados em virtude de terem cometido algum pecado grave não podem mais ser perdoados e readmitidos. Os membros que sofrem essa punição da igreja vivem cada dia sem esperança, acreditando que jamais terão a chance de salvação, que serão condenadas ao fogo eterno e que nunca morrerão nesse castigo por terem uma "alma imortal".

Um dos raros exemplos de estudos feitos sobre esse transtorno, uma edição da revista britânica de psicologia de 1975 (Spencer, 1975) discorre sobre o problema entre os membros do grupo religioso das Testemunhas de Jeová. Rodrigues (2012) também trata desse problema em relação a outra denominação em seu artigo "A doutrina do pecado de morte como fator de desenvolvimento de quadro depressivo nos membros da Congregação Cristã no Brasil". Sem considerar grupos religiosos específicos, Cranney *et al*. (2018) também argumentam sobre a ansiedade causada pela crença em um inferno eterno e os possíveis danos psicológicos resultantes.

Muito antes de esses estudos serem publicados, porém, White (2018, p. 545) já alertava a respeito da relação entre a crença no tormento eterno e a saúde mental: "Muitos têm sido arrastados à insanidade por este inquietante pensamento." De acordo com ela, "doutrinas errôneas, como a de um inferno eternamente a arder" provocam desequilíbrio mental em "espíritos sensíveis" (White, 1991, p. 324). Como consequência disso, escreveu ela, "os infiéis têm aproveitado ao máximo esses casos infelizes, atribuindo a loucura à religião" (White, 1991, p. 324).

Diferentemente desse quadro, os cristãos monistas/condicionalistas não se veem obrigados a se tornarem cristãos para fugir de um inferno eterno. O ensino da Bíblia é: "O salário do pecado é a morte", e não uma vida eterna de sofrimentos; a vida eterna é um dom de Jesus para os que creem nele (Rm 6:23; Jo 3:16).

2.8. De Volta a Voltaire

Apesar de estar correto sobre a fé monista dos antigos judeus, Voltaire erra ao dizer que, no Pentateuco, os hebreus só tinham planos para essa vida – que não pensavam em uma vida futura, pós-ressurreição. É um fato curioso que o Pentateuco não mencione claramente a ressurreição. Paulien (2013), apresenta os seguintes versículos como possíveis evidências da crença da ressurreição no Pentateuco: Números 15:31; Deuteronômio 11:9; 31:16; 32:39; 33:6. De acordo com ele, na Mishná, no Talmude e no Sanhedrin – que serviam como interpretações e comentários sobre as Escrituras hebraicas – esses versículos são insinuações a respeito da ressurreição.

Mesmo que alguns não considerem os argumentos de Paulien totalmente convincentes, há, contudo, evidências bíblicas bastante claras de que os judeus da época do AT já tinham conhecimento da possibilidade da ressurreição. Em Hebreus 11:19, por exemplo, lemos que "Abraão considerou que Deus era poderoso até para *ressuscitar* Isaque dentre os mortos" (Hb 11:19). Vemos outro exemplo no livro de Jó, o qual viveu em um período próximo ao de Abraão, provavelmente antes dele. Nesse livro se vê como já naquele tempo, antes de existir a nação de Israel, já existia a noção de ressurreição do corpo no dia final:

> Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Eu o verei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade o meu coração[2] desfalece dentro de mim (Jó 19:25-27).

Assim, Voltaire erra ao dizer que os judeus antigos só tinham esperança para esta vida. No entanto, como vimos neste artigo, ele acerta ao dizer que os cristãos creem em algo que a

[2] Essa é uma das ocasiões em que a palavra original para descrever a sede das emoções são os rins. Essa versão da Bíblia (NAA) escolheu substituí-la por "coração" por ser mais comum para o leitor atual, como na grande maioria das traduções contemporâneas (com exceção da Tradução Brasileira, por exemplo).

Bíblia não ensina quando sustentam a imortalidade natural da alma. Porém, assim como Lutero confundiu seus leitores com declarações dúbias, também Voltaire fez declarações que o faziam se parecer com um imortalista. Algumas cartas particulares escritas em momentos críticos de sua vida, em que enfrentou a morte de familiares e em que ele mesmo achou que morreria, parecem revelar uma esperança de vida, de alguma forma, após experimentar a morte.

No dia 26 de maio de 1778, por exemplo, tendo a própria morte em vista, Voltaire escreveu sua última carta, para Trophime Gérard de Lally-Tolendal, a qual tem apenas uma única e confusa sentença: "O homem, morrendo, retorna à vida ao ouvir esta grande notícia: ele ternamente abraça M. de Lally: ele vê que o rei é o defensor da justiça: e ele morre contente." Voltaire morreu quatro dias depois, com a idade de 83 anos.

3. Considerações Finais

Baseando-se em uma pesquisa sobre o conceito dos judeus antigos sobre a relação mente-corpo, vemos que eles eram monistas – mesmo milênios antes de ser cunhada essa palavra. E vimos também que o cristianismo está fundamentado nos conceitos dos judeus sobre a alma e o corpo, conforme constam nas Escrituras hebraicas e também no NT. Desta forma, o ensino sobre a morte no AT também tem que ser o mesmo no NT. Sendo assim, os cristãos primitivos não acreditavam na alma imortal, mas o ensino foi penetrando na igreja lentamente, através dos ensinos dos pais da igreja que já estavam contaminados pelos conceitos gregos pagãos.

Apesar de não concordarmos em grande parte com o filósofo Voltaire, que foi responsável por muitas críticas levantadas contra os cristãos, ele estava correto em sua afirmação contra os cristãos dualistas/imortalistas de que não existe o conceito da alma imortal na Bíblia. Ao estudarmos os escritos do AT e do NT, usando as devidas ferramentas da hermenêutica, especialmente as línguas originais, vemos que podemos chegar à mesma conclusão que ele em relação ao monismo entre os judeus da antiguidade, mas com reação diferente da dele.

As implicações de se crer em um conceito dualista-imortalista são profundamente negativas, provocando medo, dúvida ou ódio contra Deus, e até mesmo insanidade mental em alguns casos. A natureza humana, segundo a Bíblia, é a de que temos um corpo que vive, que pensa e que é templo do Espírito Santo. A vida eterna é um presente de Deus, condicionado à aceitação de sua graça, e não uma maldição para aqueles que rejeitarem a salvação.

Referências

BALL, Bryan. Sixteenth-century continental conditionalists. In: BALL, B.; Mciver, R. (Eds.). **Grounds for Assurance and Hope**: selected biblical and historical writings of Bryan W. Ball. Cooranbong: Avondale Academic Press, 2015. p. 251-271.

CASTRO, F. S.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Alma, mente e cérebro na Pré-História e nas primeiras civilizações humanas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, n. 1, p. 37-48, 2010.

CASTRO, F. S.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Alma, corpo e a antiga civilização grega: as primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 4, p. 798-809, 2011.

CASTRO, F. S.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Notas históricas acerca do debate mente e cérebro. **ComCiência**, n. 144, 2012.

CHANGEUX, J.-P. **The Neuronal Man: The Biology of Mind**. Princeton: Princeton University Press, 1985.

DAMÁSIO, A. R. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FROOM, L. E. **The Conditionalist Faith of our Fathers**. Washington, DC: Review and Herald, 1959.

FUDGE, E. W. **The fire that consumes**: a biblical and historical study of the doctrine of final punishment. Houston: Providential Press, 1982.

JAKOBOVITS, I. The dissection of the dead in Jewish law: a comparative and historical study. **Tradition: A Journal of Orthodox Jewish Thought**, v. 1, n. 1, p. 77-103, 1958.

JEEVES, M. **Mentes, Cérebros, Almas e Deuses: Uma Conversa sobre Fé, Psicologia e Neurociência**. Viçosa: Ultimato, 2016.

JEWISH ENCYCLOPEDIA. Nova York: Funk & Wagnalls Company, 1906. Disponível em: <https://www.library.ucdavis.edu/database/jewish-encyclopedia/> Acesso em 12 jun. 2021.

JIMENEZ-RODRIGUEZ, L. O. It is reasonable to uphold a non-reductive christian monism? Theology confronted with the mind-brain and body-soul problem. **Pensamiento**, v. 71, n. 269, p. 1323-1345, 2015.

KETOLA, T. N. **A Study of Martin Luther's Teaching Concerning the State of the Dead**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Andrews University, Berrien Springs, EUA, 1946.

LAZZARI JR., J. C. A religião racionalista de Voltaire. **Kínesis**, v. 4, n. 8, p. 147-164, 2012.

MCGUIGAN, F. J. The historical development of cognitive psychophysiology: theory and measurement. In: SCHULTHEISZ, E. (Ed.). **History of Physiology**: advances in physiological sciences. Budapeste: Pergamon Press, 1981.
MENON, W. **Filosofia da Mente**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; ARAUJO, S. F. O cérebro produz a mente? Um levantamento da opinião de psiquiatras. **Archives of Clinic Psychiatry**, v. 42, n. 3, p. 69-70, 2015.

O'REGGIO, T. A re-examination of Luther's view on the state of the dead. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 22, n. 2, p. 154-170, 2011.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 3, número 2, p. 33-47, 2º semestre de 2023
DOI: 10.29327/2148040.3.2-3
FAP - Faculdade Adventista do Paraná

PAVEL, A.; TAREANU, D. Continuity of Deism Epicurean themes in Voltaire's thinking. **European Journal of Science and Theology**, v. 15, n. 4, p. 33-45, 2019.

PAULIEN, J. The resurrection and the Old Testament: a fresh look in light of recent research. **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 24, n. 1, p. 3-24, 2013.

RODRIGUES, E. A doutrina do pecado de morte como fator de desenvolvimento de quadro depressivo nos membros da congregação cristã no Brasil. **Ciências da Religião – História e Sociedade**, v. 10, n. 2, p. 140-178, 2012.

SILVA, R. P. **Análise Lingüística do *Sémeron* em Lucas 23:43**. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2001.

SINNER, R. V. Quem está no comando? Neurociência, ressonância e desafios para a Teologia. **Perspectiva Teológica**, v. 49, n. 3, p. 611-630, 2017.

SNAITH, N. Justice and immortality. **Scottish Journal of Theology**, v. 17, n. 3, p. 312-313, 1964.

SPENCER, J. The mental health of Jehovah's Witnesses. **The British Journal of Psychiatry**, v. 126, n. 6, p. 556-559, 1975.

TEIXEIRA, J. F. **O que é Filosofia da Mente**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos, v. 294).

TERTULIANO. On the ressurrection of the flesh. **Ante-Nicene Christian Library**, v. 15. Edimburgo: T&T Clark, 1870.

TOEWS, T. W. **Biblical sources in the development of the concept of the soul in the writings of the Fathers of the Early Christian church, 100-325 C.E**. Tese (Doutorado em Teologia) – Andrews University, Berrien Springs, EUA, 2011.

TRACY, T. J. Plato, Galen, and the center of consciousness. **Illinois Classical Studies**, vol. 1, 1976, pp. 43–52.

VOLTAIRE. **Tratado de Metafísica**, 1736.

VOLTAIRE. **Alma**. 1776.

VOLTAIRE. Voltaire [François Marie Arouet] to Trophime Gérard de Lally-Tolendal, chevalier de Lally-Tolendal: Tuesday, 26 May 1778. In: MCNAMEE, R. *et al*. **Electronic Enlightenment Scholarly Edition of Correspondence**. University of Oxford. 2018. Acesso em 30 ago. 2021.

WHITE, E. G. **Conselhos sobre Saúde**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1991.

WHITE, E. G. **Orientação da Criança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

WHITE, E. G. **Testemunhos Seleto**s, v. 1. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, E. G. **História da Redenção**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

Teologia em Revista, Ivatuba, PR, volume 3, número 2, p. 33-47, 2º semestre de 2023
DOI: 10.29327/2148040.3.2-3
FAP - Faculdade Adventista do Paraná